

O ROUXINOL

KRISTIN HANNAH

O ROUXINOL

Tradução de
MARTA PINHO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

*Para Matthew Shear. Amigo. Mentor. Campeão. Sentimos a tua falta.
E para Kaylee Nova Hannah, a mais recente estrela do nosso mundo:
Bem-vinda, bebé.*

CAPÍTULO 1



9 de Abril de 1995

Costa do Oregon

Se houve alguma coisa que aprendi durante esta minha longa vida, é isto: no amor descobrimos quem queremos ser; na guerra descobrimos quem somos. Os jovens de hoje querem saber tudo sobre todos. Pensam que basta falar sobre um problema para resolvê-lo. Eu venho de uma geração mais calma. Nós entendemos o valor do esquecimento, o fascínio da reinvenção.

Ultimamente, contudo, dou por mim a pensar sobre a guerra e sobre o meu passado, sobre as pessoas que perdi.

Perdi.

Parece que desloquei de lugar as pessoas que amo; talvez as tenha deixado onde não pertenciam e elas voltaram-me costas, demasiado confusas para regressarem seguindo os meus passos.

Elas não estão perdidas. Nem estão num lugar melhor. Desapareceram. À medida que me aproximo do fim dos meus dias, sei bem que a dor, tal como o arrependimento, se aloja no nosso ADN e para sempre será parte de nós.

Desde a morte do meu marido e do meu diagnóstico, envelheci anos. A minha pele tem o aspeto enrugado de uma folha de papel vegetal que alguém tentou alisar e reutilizar. Os olhos falham-me com frequência — no escuro, com o clarão dos faróis, quando a chuva

cai. É desconcertante, esta nova falta de confiança na minha visão. Talvez seja por essa razão que muitas vezes dou por mim a olhar para trás. O passado possui uma clareza que já não consigo ver no presente.

Quero imaginar que, quando partir, haverá paz, que verei todas as pessoas que amei e que perdi. No mínimo, que serei perdoada. Mas eu não sou assim tão ingénua, pois não?

A minha casa, batizada The Peaks pelo barão da madeira que a construiu há mais de cem anos, está à venda e eu preparo-me para me mudar porque, segundo o meu filho, é o que devo fazer.

Ele está a tentar tomar conta de mim, para mostrar o quanto me ama neste que é o momento mais difícil da minha vida, por isso tolero a sua atitude controladora. O que me interessa o lugar onde irei morrer? É essa a questão, na verdade. Já não importa onde vivo. Estou a encaixotar a vida na costa do Oregon em que assentei há quase cinquenta anos. Não há muito que queira levar comigo. Mas há uma coisa.

Estendo o braço para chegar ao manípulo pendurado que controla a escada para o sótão. A escada desdobra-se do teto como um cavalheiro que estende a sua mão.

Os degraus frágeis oscilam com o peso dos meus pés enquanto subo ao sótão, que cheira a pó e a mofo. Uma única lâmpada pendurada balança-se lá em cima. Puxo o fio.

É como estar no porão de um velho barco a vapor: tábuas de madeira largas forram as paredes; teias de aranha tornam as reentrâncias prateadas e sobrepõem-se suspensas no entalhe entre as tábuas. O teto é tão inclinado que só consigo estar direita no centro do sótão.

Vejo a cadeira de baloiço que usava quando os meus netos eram pequenos, depois um berço velho e um cavalinho de madeira em mau estado assente em molas ferrugentas, e a cadeira que a minha filha estava a restaurar quando adoeceu. Há caixas encostadas ao longo da parede, assinaladas com «Natal», «Ação de Graças», «Páscoa», «Halloween», «Louça», «Desporto». Naquelas caixas estão guardadas coisas que já não uso, mas de que não consigo separar-me. Para

mim, admitir que não farei a árvore de Natal é desistir, e eu nunca tive jeito para me desprender das coisas. Enfiado ao canto está aquilo que procuro: um antigo baú coberto de autocolantes de viagens.

Com esforço, arrasto o pesado baú para o meio do sótão, exatamente para debaixo da luz pendurada. Ajoelho-me ao seu lado, mas a dor que sinto nos joelhos é lancinante, por isso deixo-me deslizar até ficar apoiada no traseiro.

Pela primeira vez em trinta anos, levanto a tampa do baú. A prateleira superior está cheia de recordações de bebês. Sapatos minúsculos, moldes de mãos de cerâmica, desenhos a lápis de cor povoados por homens-palitos e sóis sorridentes, cadernetas escolares, fotografias de recitais de dança.

Levanto a prateleira do baú e coloco-a de lado.

No fundo do baú está uma pilha desordenada de recordações: vários diários desbotados com encadernações de cabedal; um maço de postais ilustrados antigos, atados com uma fita de cetim azul; uma caixa de cartão, dobrada num dos cantos; um conjunto de livros finos de poesia de Julien Rossignol; e uma caixa de sapatos com centenas de fotografias a preto-e-branco.

Por cima de tudo está um papel amarelado e desbotado.

Tenho as mãos a tremer ao pegar nele. É uma *carte d'identité*, um bilhete de identidade, dos tempos da guerra. Olho para a pequena fotografia tipo passe de uma mulher jovem. *Juliette Gervaise*.

— Mãe?

Ouço o meu filho pisar os degraus de madeira, cujo ranger combina com o ritmo dos meus batimentos cardíacos. Já me teria chamado antes?

— Mãe? Não devias estar cá em cima. Bolas. Os degraus estão pouco firmes. — Aproxima-se e fica de pé ao pé de mim. — Uma queda e...

Toco-lhe na perna das calças e abano a cabeça. Não consigo olhar para cima. «Não» é tudo o que consigo dizer.

Ele ajoelha-se e depois senta-se. Sinto o cheiro do seu *aftershave*, subtil e apimentado, e também um vestígio de fumo. Fumou um cigarro à socapa lá fora, um hábito que deixara há décadas e que retomara aquando do meu recente diagnóstico. Não há razão para expressar a minha reprovação: ele é médico. Sabe o que faz.

O meu instinto é atirar o cartão para dentro do baú e bater com a tampa, voltando a escondê-lo. É isso que tenho feito toda a minha vida.

Agora estou a morrer. Não rapidamente, talvez, mas também não lentamente, e sinto-me impelida a recordar a minha vida.

— Mãe, estás a chorar.

— Estou?

Quero dizer-lhe a verdade, mas não consigo. Envergonha-me e constrange-me, este fracasso. Na minha idade não deveria ter medo de nada, muito menos do meu próprio passado.

Digo apenas:

— Quero levar este baú.

— É grande demais. Eu guardo as coisas que queres numa caixa mais pequena.

Sorrio perante a sua tentativa de me controlar.

— Eu adoro-te e estou doente outra vez. Por isso, tenho permitido que me controles, mas ainda não morri. Quero ter este baú comigo.

— O que é que ele tem de que possas precisar? São só os nossos trabalhos da escola e outras tralhas.

Se lhe tivesse contado a verdade há muito tempo, ou se tivesse dançado, bebido e cantado mais, talvez ele me visse como sou e não uma mulher dependente e vulgar. Ele adora uma faceta minha que é incompleta. Sempre pensei que fosse isso que eu desejava: ser amada e admirada. Agora penso que talvez gostasse que me conhecessem.

— Pensa que é o meu último pedido.

Percebo que ele quer dizer-me para não falar assim, mas receia que a voz lhe fique embargada. Pigarreia.

— Já o venceste duas vezes. Vais vencer novamente.

Ambos sabemos que não é verdade. Estou trémula e fraca. Não consigo dormir nem comer sem a ajuda da ciência médica.

— Claro que sim.

— Só quero manter-te em segurança.

Sorrio. Os americanos conseguem ser tão ingénuos.

Outrora partilhei do seu entusiasmo. Julgava que o mundo era seguro. Mas isso foi há muito tempo.

— Quem é a Juliette Gervaise? — pergunta Julien e, para mim, é como que um choque ouvir aquele nome dito por ele.

Fecho os olhos e, no escuro que cheira a bolor e a tempos idos, a minha mente recua, numa linha traçada através dos anos e dos continentes. Contra a minha vontade — ou talvez em sintonia com ela, quem sabe... —, recordo tudo.

CAPÍTULO 2



Apagam-se as luzes por toda a Europa;
Não as voltaremos a ver enquanto vivermos.

— SIR EDWARD GREY, sobre a Primeira Guerra Mundial

Agosto de 1939

França

Vianne Mauriac saiu da elegante cozinha de paredes de estuque para o seu jardim em frente à casa. Naquela bela manhã de verão no vale do Loire tudo resplandecia. Lençóis brancos agitavam-se com a brisa e rosas pendiam ao longo do antigo muro de pedra que escondia a sua propriedade da estrada. Um par de laboriosas abelhas zumbia por entre as flores; ao longe, Vianne ouviu os soluços de um comboio e depois o som doce do riso de uma menina.

Sophie.

Vianne sorriu. A sua filha de oito anos andava provavelmente a correr pela casa, obrigando o pai a andar atrás dela enquanto se preparavam para o seu piquenique de sábado.

— A tua filha é uma tirana — afirmou Antoine, aparecendo à porta.

Aproximou-se dela, o seu cabelo com brilhantina a reluzir ao sol. Naquela manhã estivera a trabalhar nos seus móveis — a lixar

uma cadeira que já era macia como cetim — e tinha o rosto e os ombros salpicados de uma fina camada de pó de madeira. Era um homem encorpado, alto e de ombros largos, com um rosto áspero e barba de três dias que exigia um esforço constante para não se tornar um tufo.

Deslizou um braço à volta dela e puxou-a para si.

— Amo-te, V.

— Eu também te amo.

Era o facto mais verdadeiro da vida de Vianne. Ela adorava tudo naquele homem, o seu sorriso, a forma como murmurava durante o sono, como ria após espirrar e como cantava ópera no duche.

Apaixou-se por ele quinze anos antes, no pátio da escola, antes ainda de saber o que era o amor. Ele fora o seu primeiro tudo — o primeiro beijo, o primeiro amor, o primeiro amante. Antes dele, era uma rapariga magricela, desajeitada e ansiosa, com tendência para gaguejar quando se assustava, o que acontecia com frequência. Uma rapariga sem mãe.

Agora passas tu a ser a adulta, dissera-lhe o seu pai na primeira vez que entraram naquela mesma casa. Ela tinha catorze anos, os olhos inchados de tanto chorar, uma dor insuportável. Num instante, aquela casa deixara de ser a casa de verão da família para passar a ser uma espécie de prisão. A *maman* morrera há menos de duas semanas quando o *papa* desistiu de ser pai. Ao chegarem ali, ele não lhe dera a mão nem lhe colocara a mão no ombro, nem sequer lhe oferecera um lenço para limpar as lágrimas.

M-mas eu sou só uma menina, disse ela.

Já não.

Vianne olhou para a irmã mais nova, Isabelle, que, aos quatro anos, ainda chuchava o dedo e não fazia ideia do que se passava. Não parava de perguntar quando é que a *maman* voltaria para casa.

Quando a porta se abriu, apareceu uma mulher magra e alta com um nariz que parecia uma torneira e olhos tão pequenos e escuros como passas.

São estas as meninas?, perguntou a mulher.

O *papa* anuiu.

Elas não vão dar problemas.

Aconteceu tudo tão depressa. Vianne não percebera. O *papa* largou as suas filhas como roupa suja e deixou-as com uma estranha. As meninas tinham uma diferença de idades tão grande que eram como se fossem de famílias diferentes. Vianne quis confortar Isabelle — pensara nisso —, mas sentia uma dor tão forte que lhe era impossível pensar em quem quer que fosse, sobretudo numa criança tão teimosa, impaciente e barulhenta como Isabelle. Vianne ainda se lembrava dos primeiros dias que ali haviam passado: Isabelle aos berros e a *madame* a dar-lhe açoites. Intercedera pela irmã, dizendo, repetidamente, *Mon Dieu, Isabelle, para de guinchar. Faz o que ela manda*, mas, mesmo aos quatro anos, Isabelle era impossível de controlar.

Vianne fora destruída por tudo aquilo — a dor de perder a mãe, do abandono do pai, a repentina mudança de situação das irmãs e a maçadora e carente solidão de Isabelle.

Fora Antoine que salvara Vianne. No primeiro verão após a morte da *maman*, tornaram-se inseparáveis. Nele Vianne encontrara um escape. Quando fez dezasseis anos já estava grávida; aos dezasseite estava casada e era a senhora do Le Jardin. Dois meses mais tarde sofreu um aborto espontâneo e andou perdida durante algum tempo. Não havia outra forma de o descrever: deixara-se arrastar para a sua dor e fechara-se nela, incapaz de se preocupar com nada nem com ninguém — muito menos com uma irmã carente e chorosa de quatro anos.

Mas isso era passado. Não era uma memória que quisesse ter num dia bonito como aquele.

Apoiou-se no marido e a sua filha apareceu a correr para eles, anunciando:

— Estou pronta. Vamos.

— Bom — replicou Antoine, sorrindo. — A princesa está pronta, por isso temos de ir.

Vianne sorriu enquanto voltava a casa para ir buscar o chapéu ao gancho junto à porta. Como tinha o cabelo louro-avermelhado, pele delicada como porcelana e olhos azuis de mar, protegia-se sempre do sol. Quando acabou de ajustar o chapéu de palha com aba larga e de apanhar as suas luvas de renda e o cesto do piquenique, já Sophie e Antoine estavam fora do portão.

Vianne juntou-se a eles na estrada de terra em frente à sua casa, onde mal cabia um carro. Para lá da estrada estendiam-se hectares de campos de feno, o verde salpicado aqui e ali por papoilas vermelhas e centáureas azuis. As florestas eram como que remendos. Naquele canto do vale do Loire, era mais provável os campos darem feno do que uvas. Embora estivesse a menos de duas horas de comboio de Paris, parecia um mundo totalmente diferente. Poucos turistas o visitavam, mesmo no verão.

De vez em quando passava um carro a retumbar, ou um ciclista, ou um carro de bois, mas durante a maior parte do tempo estavam sozinhos na estrada. Viviam a cerca de um quilómetro e meio de Carrievau, uma cidade com menos de mil almas que era conhecida sobretudo como ponto de paragem da peregrinação de Santa Joana d'Arc. Não havia indústria e os empregos eram escassos, à exceção da pista de aviação, que era o orgulho de Carrievau. A única do seu género num raio de quilómetros.

Na cidade, estreitas ruas empedradas serpenteavam por entre edifícios antigos de calcário que se inclinavam, desajeitados, uns contra os outros. A argamassa das paredes de pedra esfarelava-se, as heras escondiam a degradação que jazia por detrás, invisível mas sempre sentida. A aldeia fora construída a pouco e pouco — ruas sinuosas, degraus irregulares, becos sem saída — ao longo de centenas de anos. As cores davam vida aos edifícios de pedra: toldos vermelhos com armação de metal preto, varandas de ferro decoradas com gerânios em vãos de terracota. Por toda a parte se via tentações ao olhar: uma montra de *macarons*, cestos rústicos de verga cheios de queijo, presunto e salsichão, caixas de tomates coloridos, beringelas e pepinos. Os cafés estavam cheios, naquele dia cheio de sol. Os homens estavam sentados junto a mesas de metal, a beber café, a fumar cigarros enrolados à mão e a discutir ruidosamente.

Um dia típico em Carrievau. Monsieur LaChoa varria a rua em frente ao seu restaurante de saladas, e Madame Clonet lavava a janela da sua chapelaria, enquanto um bando de rapazes adolescentes vagueava pela cidade, ombro a ombro, dando pontapés em pedaços de lixo e passando um cigarro entre todos.

À saída da cidade, viraram em direção ao rio. Num sítio plano com erva junto à margem, Vianne pousou o cesto e estendeu uma manta à sombra de um castanheiro. Do cesto de piquenique tirou uma baguete estaladiça, uma fatia grossa de rico queijo de creme duplo, duas maçãs, algumas fatias finíssimas de presunto de Bayonne e uma garrafa de *Bollinger* de 1936. Serviu ao marido um copo do champanhe e sentou-se ao seu lado, enquanto Sophie corria junto ao rio.

O dia passou numa névoa de felicidade acalentada pelo sol. Conversaram, riram e partilharam o seu piquenique. Só ao fim do dia, quando Sophie estava afastada com a sua cana de pesca e Antoine fazia uma coroa de margaridas para a filha, é que ele disse:

— Não tarda, o Hitler vai absorver-nos a todos para a sua guerra. Guerra.

Por aqueles dias, as pessoas não falavam de outra coisa, e Vianne nem queria ouvir. Sobretudo não naquele encantador dia de verão.

Levou a mão acima dos olhos e olhou para a filha. Para lá do rio, o verdejante vale do Loire estava cultivado com cuidado e precisão. Não havia vedações, delimitações, apenas quilómetros de campos verdes e manchas de árvores e uma ou outra casa ou celeiro de pedra. Minúsculas flores brancas flutuavam no ar, quais pedaços de algodão.

Vianne levantou-se e bateu palmas.

— Anda, Sophie. Está na hora de ir embora.

— Não podes ignorar isto, Vianne.

— Deverei eu procurar problemas? Porquê? Tu estás aqui para nos proteger.

Com um sorriso no rosto (demasiado expansivo, talvez), arrumou as coisas do piquenique, reuniu a família e conduziu-os de volta à estrada de terra.

Em menos de trinta minutos, já estavam junto ao robusto portão de madeira do Le Jardin, a casa de pedra que há trezentos anos pertencia à sua família. Envelhecida em mil tons de cinza, tinha dois pisos e janelas com portadas azuis que davam para o pomar. Heras trepavam pelas duas chaminés e cobriam os tijolos por baixo. Sobravam apenas três hectares da propriedade inicial. Os restantes oitenta

havia sido vendidos ao longo dos séculos à medida que a fortuna da família fora diminuindo. Três hectares era bastante para Vianne. Não conseguia imaginar para que precisaria de mais.

Vianne fechou a porta atrás de si. Na cozinha, havia tachos e frigideiras de cobre e ferro fundido pendurados numa prateleira de ferro por cima do fogão. Das vigas de madeira à vista do teto pendiam molhos de lavanda, alecrim e tomilho a secar. Um lava-louça de cobre, esverdeado com o tempo, era suficientemente grande para dar banho a um pequeno cão.

O reboco das paredes interiores estava a escamar aqui e ali, revelando tinta de tempos idos. A sala de estar era uma mistura eclética de móveis e tecidos — sofá com tapeçarias, tapetes de Aubusson, porcelanas chinesas antigas, chita e *toile*. Alguns dos quadros nas paredes eram excelentes — talvez importantes — e outros eram de amadores. A divisão tinha a aparência confusa e improvisada de dinheiro perdido e gostos passados; algo gasto, mas confortável.

Vianne parou na sala e olhou pelas portas de vidro que davam para o quintal, onde Antoine empurrava Sophie no baloiço que construía para ela.

Pendurou o seu chapéu cuidadosamente no gancho junto à porta e pegou no avental, atando-o ao corpo. Enquanto Sophie e Antoine brincavam lá fora, Vianne preparou o jantar. Embrulhou um naco cor-de-rosa de carne de porco em *bacon* cortado grosso, atou-o com um cordel e alourou-o em óleo quente. Enquanto o porco assava no forno, tratou do resto da refeição. Às oito horas — pontualmente — chamou-os para a mesa e não conseguiu deixar de sorrir perante o pisar dos pés, a conversa e o arrastar das cadeiras a raspar no chão enquanto se sentavam.

Sophie sentou-se à cabeceira da mesa, com a coroa de margaridas que Antoine lhe fizera junto ao rio.

Vianne pousou a travessa, cujo aroma se elevou no ar — porco assado e *bacon* estaladiço e maçãs num suculento molho de vinho, sobre uma cama de batatas assadas. Ao lado estava uma taça de ervilhas frescas a nadar em manteiga temperada com estragão do jardim. E ainda, obviamente, a baguete que Vianne fizera na manhã do dia anterior.

Como sempre, Sophie falou durante todo o jantar. Nisso era igual à sua *tante* Isabelle — uma rapariga incapaz de manter a boca fechada.

Quando finalmente chegaram à sobremesa — *île flottante*, ilhas de merengue torrado a flutuar sobre um rico creme inglês —, fez-se um silêncio satisfeito à mesa.

— Bom — disse, por fim, Vianne, empurrando o seu prato de sobremesa meio vazio —, está na hora de lavar a louça.

— Ah, *maman* — lamuriou-se Sophie.

— Nada de choraminguices — replicou Antoine. — Na tua idade, não.

Vianne e Sophie foram para a cozinha, como faziam todas as noites, assumiram as suas posições — Vianne no fundo lava-louça de cobre e Sophie na bancada de pedra — e começaram a lavar e a limpar a louça. Vianne sentia o acentuado cheiro doce do cigarro pós-jantar de Antoine a esvoaçar pela casa.

— Hoje o *papa* não se riu de nenhuma das minhas histórias — comentou Sophie enquanto Vianne arrumava os pratos na prateleira de madeira rústica fixa na parede. — Passa-se alguma coisa.

— Não se riu? Isso é sem dúvida motivo de alarme.

— Ele está preocupado com a guerra.

A guerra. Outra vez.

Vianne enxotou a filha para fora da cozinha. No andar de cima, no quarto de Sophie, Vianne sentou-se na cama de casal a ouvi-la tagarelar enquanto vestia o pijama, escovava os dentes e se enfiava na cama.

Vianne inclinou-se para lhe dar um beijo de boa-noite.

— Estou com medo — confessou Sophie. — Vai haver guerra?

— Não tenhas medo — reconfortou Vianne. — O *papa* protege-nos. — Mas, ao dizer isto, lembrou-se de outro momento, quando a *maman* lhe dissera: *Não tenhas medo*.

Foi quando o seu pai foi para a guerra.

Sophie não pareceu convencida.

— Mas...

— Mas nada. Não há razão para nos preocuparmos. Agora dorme.

Vianne deu um beijo de boa-noite à filha, deixando os lábios demorarem-se na face da menina.

Depois desceu as escadas e foi até ao quintal. Lá fora, a noite estava abafada e o ar cheirava a jasmim. Encontrou Antoine sentado numa das cadeiras de ferro de café na relva, com as pernas esticadas e o corpo caído desconfortavelmente para um dos lados.

Aproximou-se dele e colocou-lhe uma mão sobre o ombro. Ele exalou uma baforada de fumo e voltou a inalar longamente o cigarro. Depois olhou para ela. Ao luar, o rosto dele parecia pálido e ensombrado. Quase estranho. Levou a mão ao bolso do colete e tirou de lá um papel.

— Fui mobilizado, Vianne. Assim como a maior parte dos homens entre os dezoito e os trinta e cinco anos.

— Mobilizado? Mas... nós não estamos em guerra. Eu não...

— Tenho de apresentar-me ao serviço na terça-feira.

— Mas... mas... tu és carteiro.

Antoine olhou-a nos olhos e de repente Vianne ficou sem fôlego.

— Parece que agora sou soldado.